



A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS CONFLITOS DE GÊNERO: UMA POSSÍVEL UNIÃO DURANTE AS AULAS

Jarlson Carneiro Amorim Da Silva¹
Bertyza Carvalho Falcão Fernandes²
Iraquiton de Oliveira Caminha (Orientador)³

Palavras-chave: Gênero, Educação Física, Exergames

INTRODUÇÃO: Administrando as aulas de Educação Física, observamos como meninos e meninas constroem as relações de gênero e, particularmente, destacamos que um dos principais motivos de conflitos entre meninas e meninos são as exclusões em jogos esportivos, geralmente os meninos excluíam as meninas de certos jogos por considerarem fracas e menos habilidosas. O conceito de gênero também permite pensar nas diferenças sem transformá-las em desigualdades, ou seja, sem que as diferenças sejam ponto de partida para a discriminação, por sua vez é a função educativa dada pela escola, que oferecerá à criança e ao adolescente um seguro desenvolvimento bio-psico-social e sexual, dentro de uma análise de opções para tornar apta a escolha de novos caminhos. Dentre as disciplinas curriculares ofertadas nas escolas, a Educação Física, talvez pelo fato de permitir uma evidente liberdade aos corpos, é constantemente incitada a problematizar os conhecimentos sobre a constituição física e estética corporal, as adequações sexo-gênero dentro do contexto das atividades corporais e, não raro, as representações e dúvidas de educandos e educandas sobre sexualidades, (GOELLNER, FIGUEIRA & JAEGER, 2008). A escola é uma das instituições nas quais se instalam mecanismos do dispositivo da sexualidade, através de tecnologias do sexo, os corpos dos estudantes podem ser controlados, administrados. Como afirma (BERNARDI, 1985), a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo. Diante da escola ser uma das instituições onde se instalam os mecanismos do dispositivo da sexualidade, há de se questionar como isto ocorre. De que maneira a sexualidade e os conflitos de gênero perpassa o espaço escolar, penetra na Educação Física, disseminando micropoderes sobre os corpos?

OBJETIVO: O objetivo principal desta pesquisa é analisar os conflitos de gêneros nas aulas de educação física, considerando as percepções de alunos. Identificando as concepções de masculino e feminino dos alunos. Analisando as possíveis causas que levam os alunos a assumir preconceitos e tabus, com seus colegas, dentro das aulas de educação física e promovendo a participação dos alunos em atividades mistas e assegurar mudança de atitudes em conflitos de gêneros surgidos nas aulas de educação física.

METODOLOGIA: Tratou-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa e com observação participativa por se tratar de descrição de fenômeno. Utilizou-se da pesquisa-ação que representa uma reflexão crítica sobre e nos discursos dos sujeitos, um processo pessoal e único do pesquisador em ação de reconstrução racional. De acordo com Richardson (2002), a pesquisa-ação visa produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa) e suas possibilidades de uso são muito grandes. O rigor, validade e confiabilidade resultam da discussão e reflexão crítica no sentido de melhorar e compreender as práticas, assegurar a participação, oferecer condições para que os sujeitos do processo tenham compromisso com as mudanças. A população alvo deste estudo foi constituída de 100 crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 18 anos de ambos os sexos, matriculados no ensino fundamental e no ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Ribeiro do Município de Gurinhém, na



Paraíba. Para a composição da amostra, será utilizado um procedimento não probabilístico. Foi utilizada para coleta de dado, uma entrevista semi-estruturada levantando os seguintes blocos de conteúdo: corporalidade, sexualidade, gênero. Também uma observação participativa nas aulas de educação física, bem como de uma intervenção com uma metodologia que envolverá aulas mistas (meninos e meninas), informando sobre a sexualidade e outros temas geradores de tabus, discriminações e preconceitos, para uma possível mudança desses estereótipos. Após o consentimento da direção da escola e do professor (Educação Física) demos início às etapas referentes ao processo de coleta de informações. É importante lembrar que os sujeitos que participaram e colaboraram com este estudo, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para que pudessem participar da entrevista.

RELATO DA EXPERIÊNCIA/RESULTADOS ALCANÇADOS: Existe ainda uma dificuldade grande em se trabalhar a questão do gênero na escola. Devido a um histórico de realizar as aulas em separado, meninos e meninas, e os alunos não participarem de aulas mistas. Todas as aulas observadas e/ou ministradas foram sistematicamente anotadas em diário de campo. Para ampliar a coleta de dados, além da impressão do observador, realizamos entrevistas semi-estruturadas com os(as) crianças e adolescentes e não fizemos com o respectivo educador de Educação Física da turma, já ele se recusou em participar da entrevista, mas não fez objeção para que se fosse feita com os alunos. Para estabelecer uma compreensão dos dados coletados, tanto as anotações sistemáticas registradas em diário de campo como os dados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas foram organizados na forma de uma categoria temática: (é possível jogarmos juntos). De acordo com as entrevistas dos educandos e educandas, estabeleceu essa ideologia a ser construída entre eles, de que é possível eles (alunos e alunas) jogarem juntos. Quando se chega com uma nova proposta, há uma resistência bem grande, mas que está sendo superada. Mesmo ocorrendo inibição entre eles [meninos e meninas], essa “coeducação” tem proporcionado maior socialização. Os meninos geralmente pensam que as meninas não são capazes ou habilidosas para os esportes; a participação conjunta tem colaborado para a desmistificação deste conceito, sendo que houve casos de meninas em muito superiores a eles. Ficou claramente evidenciado que o conteúdo oferecido, eram esportes coletivos quando proporcionamos uma atividade diferente, uma vivência em ginástica aeróbica, elas tiveram interesse, mas dificuldade em realizar, e quando solicitamos que elas criassem movimentos, elas ficaram envergonhadas e não apresentaram novos movimentos além daqueles que havíamos mostrado, apenas algumas das adolescentes se arriscou. E também utilizamos diversas outras atividades para a integração entre meninos e meninas, são elas: jogos com times mistos, atividades que exigissem a participação de todos(as) e atividades que estimulassem o respeito entre eles(as). Devido à ausência de muitos alunos, por morarem nos sítios distantes e não terem como se deslocarem para as aulas de educação física, executamos em duas aulas em cada turma nas próprias salas de aula com o intuito de resgata-los para as aulas práticas, através de jogos em que são utilizados os movimentos do jogador, como o Xbox-kinect por exemplo, pois assim os jogadores podem exercitar o corpo, a mente e ao mesmo tempo se divertir, o que torna a ação um hábito mais frequente. E como em qualquer jogo culturalmente criado, não fugiu do desdobramento de categorias, de possuir jogos mais voltados para o público masculino e jogos mais voltados para o público feminino. E a partir da desconstrução deste paradigma, invertemos tais situações, em que os jogos com danças seriam realizados pelos meninos e os de lutas pelas meninas, bem como utilizavam a inversão do “avatar” que é um cibercorpo inteiramente digital, uma figura gráfica de complexidade variada (menino ou menina) que



empresta sua vida simulada para o transporte identificatório de cibernautas para dentro dos mundos paralelos do ciberespaço, que segundo Aurélio(2015) é um ícone gráfico escolhido por um usuário para o representar em determinados jogos e comunidades virtuais. No início alguns alunos se mostraram desinteressados, outros tímidos, outros curiosos, pois a maioria deles nunca tinha realizado atividade e, um vídeo game, nem muito menos neste tipo, que funciona com a execução dos nossos próprios movimentos humanos através do kinect, outros, principalmente os meninos não queriam jogar com o “avatar” de uma menina. A experiência nova ajudou a desmistificar o preconceito de se jogar com um “personagem oposto ao seu gênero”, pois nenhum deles já tinha participado de semelhante atividade. E no que se refere às alterações de regras nos jogos, embora válidas, de modo a democratizar a participação de todos, há de se ter atenção para que as dificuldades das meninas não sejam ainda mais visibilizadas ou que outros menos habilidosos continuem excluídos da prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A orientação na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. O conceito de identidade de gênero é praticamente desconhecido por estudantes; foram raras as opiniões que se aproximaram do conceito utilizado pela pesquisa. O desconhecimento dos conceitos, por sua vez, se traduziu numa dificuldade de compreensão do que seja a diversidade sexual. A pesquisa mostrou então a necessidade de que a escola reflita e coloque nas suas prioridades estratégias para o enfrentamento das diferenças de gênero que deverão ir além do processo de capacitação, sem dúvida fundamental, mas por si só insuficiente. A partir dos dados analisados, pensamos que é necessário também discutir as metodologias educativas utilizadas nas capacitações, a transversalidade do ensino da sexualidade, a inclusão dos temas de direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos e diversidade sexual, mas sobretudo, é necessário aprofundar a reflexão sobre o modelo de educação atualmente existente nas escolas.

REFERÊNCIAS: ALTMANN, Helena. **ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Santa Catarina: Estudos Feministas, 2001.

BERNARDI, Marcelo. *A Deseducação Sexual* – São Paulo: Summus, 1985.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Dicionário de Aurélio, disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/avatar>. Acesso em 25 de jan. 2015.

GOELLNER, S. V.; FIGUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (Org.) *Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia...* Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 67-75.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Como fazer pesquisa ação? 2002. Disponível em: <http://jarry.sites.uol.com.br>. Acesso em: 26 out. 2014.

Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

¹Mestrando em educação física. UFPB/UPE/PAPGEF. Email: jarlson@hotmail.com

²Mestranda em educação física. UFPB/UPE/PAPGEF. Email: bertyza@hotmail.com

³Doutor, professor do departamento de educação Física da UFPB/UPE/PAPGEF. Email: caminhairaquit@gmail.com